

COORDENADORIA DE TERRAS INDÍGENAS/SG/MIRAD

Informação Técnica nº 185SOBRE A EXTENSÃO E SÍTIOS DA ÁREA INDÍGENA BORBOLETA/RS¹

Num primeiro momento se fez uma identificação bastante vaga do que seria a área reconhecida pela atual descendência dos Kaingang do Toldo Campo Comprido e Tiririca, ocupantes em meados do século passado da área dominada pelo que veio formar a Fazenda Borboleta. No caso, foi possível identificar as áreas do Toldo Campo Comprido, antes situada no município de Soledade e, atualmente, nos municípios de Soledade, Salto do Jacuí e Espumoso e, do Toldo Tiririca, de onde provinha grande parte da população indígena do Toldo Campo Comprido de meados do século XIX, aquele provavelmente localizado na Colônia do Tigre, atualmente município Arroio do Tigre (Cf. SIMONIAN, 1987: 1 e 4).

Hoje, no entanto, ante o reconhecimento da área em questão in loco e, uma maior especificação quanto aos limites e sítios efetivamente ocupados, a qual vem sendo realizada por parte dos descendentes dos índios da Borboleta, torna-se possível uma maior precisão, a qual aponta os rios Caixão e Jacuizinho como seus limites naturais. Esta área configura-se praticamente como uma ilha e, como tal é reconhecida pelos atuais indígenas. De fato estes rios se encontram em uma direção, tornando-se muito próximos na outra, quase se fechando neste ponto.

Tornando mais precisa a identificação da Área Indígena Borboleta, os Kaingang que atualmente estão reivindicando a área de ocupação de seus ancestrais (e, até o presente ocupada por muitas famílias), apontam a existência de vários sítios, dentre os quais se encontram as áreas da Fa-

zenda Borboleta², da Colônia Velha, da Serra dos Engenhos, do Varame, da Linha Ferrari, do Jacuizinho (aquí incluindo um povoado), a Colônia Tabajara, Eucaliptos e Campo Comprido (Cf.PADILHA, 1987).

No processo de identificação das terras correspondentes à Área Indígena Borboleta, torna-se fundamental uma referência a sítios míticos e históricos, além, evidentemente, dos sítios antes referidos, de cunho geográfico e de ocupação humana. Dentre os sítios míticos destacam-se o sítio da Pedra Branca e o cemitério Capitulino. Ao sítio da Pedra Branca, localizado próximo ao lageado Borboleta e à sede da antiga Fazenda Borboleta, apropriada pelo Tte.Cel. Antônio José de Mello Bravo em meados do século passado, os atuais indígenas vinculam toda uma realidade mítico-religiosa e histórica. Esta realidade teve no passado e, continua tendo na atualidade, importância crucial para a identidade indígena local. Consta a respeito, que os jesuítas teriam erguido uma construção de pedras brancas no sítio da Pedra Branca, local que teria abrigado por muitos anos, os "cabedais" (tesouros) escondidos pelos padres, por ocasião de fugas, ante perseguições. Os indígenas de mais idade, inclusive, se recordam das pedras e da ruína, as quais se encontram atualmente cobertas por espessa vegetação e, provavelmente, também por camada de terra sedimentada ante a ação de ventos.

Sobre a existência dos cabedais da Pedra Branca existem vários relatos, os quais se referem a sonhos em que visões (mulher em traje branco nupcial) aparecem e indicam os locais. O problema, segundo estes relatos, é vencer o temor que uma cobra amarela impõe, ao aparecer in loco, para indicar o local do cabedal anunciado em sonho. Segun-

do as versões levantadas, muitos cabedais com muito ouro já foram retirados do local e proximidades, mas muitos outros ainda existiriam e estão para ser encontrados e removidos (Cf.PADILHA, Ondina, 1987).

Ainda em relação ao sítio da Pedra Branca, os indígenas lembram que seus "capelães" (os rezadores, "kuiã" em Kaingang) faziam peregrinações até o mesmo, para rezarem o terço. Augusto Padilha, Lino Mello, João Pelanca e Leopoldino Veloso de Campos são sempre referidos como capelães que cumpriam tal ritual, ainda que já influenciado pelo catolicismo, em inícios e meados do presente século. Muitos dos atuais indígenas inclusive participaram de tais peregrinações, dentre os quais se destaca Tereza Mello Padilha, a qual esteve, quando pequena, com João Pelanca e Celina Mello, na Pedra Branca (Cf.PADILHA, Tereza M.,1987).

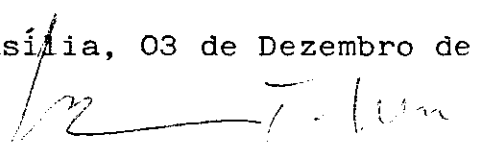
Os capelães também iam ao cemitério local para rezar o terço, o que também é lembrado pelos indígenas. Hoje os indígenas têm no cemitério Capitulino uma referência, pois não só ao mesmo seus capelães iam rezar e cultuar seus mortos (pelos relatos atuais estas rezas provavelmente correspondem ao "kiki" dos Kaingang, ritual realizado no cemitério). Neste cemitério, além de outros indígenas, estão enterrados os capelães João Pelanca e Leopoldino Veloso de Campos. O cemitério Capitulino constitui, portanto, em importante referencial mítico/religioso para os Kaingang descendentes dos índios da Borboleta.

Segundo Tereza Mello Padilha, sua tia Celina Mello lhe relatava que a índia Joana Veloso de Linhares, irmã de Maria José Veloso de Linhares, esta a esposa de Alexandre Mello, o filho do Tte.Cel. Antônio José de Mello

Bravo (Cf. VENZON, apud SIMONIAN, 1987: 4), sempre tentou lhe ensinar a língua indígena. Celina, que ainda era criança, pois por certo, não compreendia a importância de tal ensinamento e o interesse de sua tia. Neste momento os indígenas já se encontravam bastante dispersos (provavelmente fins do século passado) e vivendo sob pressão, pois vinham sendo expulsos de suas terras, o que, dificultava o aprendizado da língua indígena por parte dos mais novos.

Em que pese as referências aqui apontadas e os sinais referentes a uma realidade de caráter mítico/religioso e histórico, necessário se faz uma identificação topográfica da área pretendida pelos indígenas descendentes dos Kaingang da Borboleta, o que permitirá a identificação do total em hectares, elemento básico para a elaboração da proposta de delimitação da Área Indígena Borboleta.

Brasília, 03 de Dezembro de 1987


LIGIA TEREZINHA LOPES SIMONIAN
Antropóloga

Notas

1. A realização do trabalho de campo que deu ensejo à elaboração do presente trabalho só foi possível ante a colaboração da ANAÍ-RS, que forneceu o transporte à autora.
2. No local onde Ondina Mello Padilha identificou como o da antiga sede da Fazenda Borboleta a autora localizou as pedras que compunham uma taipa, construída na Fazenda.